



Universidade de Brasília

Leitura metatextual como estratégia para uma filosofia diferente

Ramon Monteiro de Barros Gomide

Brasília, 2022

**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Filosofia**

Ramon Monteiro de Barros Gomide

Leitura metatextual como estratégia para uma filosofia diferente

Monografia apresentada ao
Departamento de Filosofia como
requisito parcial para conclusão do curso
de licenciatura em Filosofia na
Universidade de Brasília.

Orientador: Hilan Bensusan

Brasília, 2022

**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Filosofia**

Ramon Monteiro de Barros Gomide

Folha de Aprovação

Leitura metatextual como estratégia para uma filosofia diferente

Aprovada em: 30 de outubro de 2022

Prof. Hilan Bensusan - Orientador
Universidade de Brasília

“Relax. There’s nothing going on. And you’re missin’ it”
- *Doug Stanhope*

Agradecimentos

À família e sua excelência científica e política, que apoia e motiva; aos amores do caminho, que deram sentido à vida no meio tempo; aos amigos de graduação, do Enteléquias, do Rajinho, e do Cosmos, que sempre deram ouvidos aos papos mais furados e apoiaram minha indisciplina; ao Hilan Bensusan pela inspiração e entusiasmo reiterados ao longo de anos, à Gabriela Lafetá por topar entrar nessa tão em cima da hora.

Resumo

O trabalho pretende traçar a trajetória de graduação do autor retomando textos e preocupações compostas ao longo do curso, se valendo de uma autoficção performativa, apropriando conceitos da filosofia da diferença e se valendo de um estilo desafiador da forma acadêmica. Atravessa-se o pensamento de diversos filósofos, desde Górgias de Leontinos a Marco Antônio Valentim, articulando-os enquanto personagens conceituais numa bricolagem que intenciona manifestar o espírito de seus pensamentos à medida que identifica elementos metafilosóficos de sua produção e os associa a estratégias hermenêuticas e diagnósticos histórico-filosóficos.

Resume

The work intends to trace the author's graduation trajectory, resuming texts and concerns composed throughout the course, using a performative self-fiction, appropriating concepts from the philosophy of difference, and making use of a style that challenges academic form. It crosses the thought of several philosophers, from Gorgias de Leontinos to Marco Antônio Valentim, articulating them as conceptual characters in a bricolage that intends to manifest the spirit of their thoughts as it identifies metaphilosophical elements of their production and associates them with hermeneutic strategies and historical-philosophical diagnoses.

Palavras-Chave

metafilosofia; filosofia da diferença; autoficção performativa; bricolagem; personagens conceituais.

Pré-texto

Este é um Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia pela Universidade de Brasília no semestre 2022/1. Em sua composição, ele pretende morder a bala da mediocridade, da incompletude, da farsa e do respeito à bibliografia, defendendo-as como método. A forma como isso se dá é através de uma autoficção performativa que perpassa algumas das minhas preocupações centrais durante a graduação, articulando esses momentos de forma a sustentar um suposto diagnóstico metafilosófico - acerca do que os textos fazem para além do que argumentam. Pretendemos também, de alguma forma, incorporar estilisticamente os elementos apontados.

A facilidade principal ensejada pela opção por um trabalho assumidamente inadequado é a abstenção do rigor cuja satisfação, em grande medida, delimita o propósito da redação de um TCC. A principal dificuldade, em contrapartida, é encontrar sentido na composição já que o sentido institucional do texto se vê, em certa medida, descaracterizado.

Muito se escuta de recém formados que normalmente os discentes se preocupam demais com a fase final da graduação, que o TCC é um texto que tem uma funcionalidade muito clara, vai ser lido por 3 ou 4 pessoas e deve ser encarado enquanto tal. Diz-se que trabalho bom é trabalho feito, que os professores pouco se importam com brilhantismo e que deve-se desenvolver sua potência filosófica, poética ou qualquer que seja em outros exercícios a fim de não se frustrar. No geral, confio nas advertências. Se estivéssemos alguns anos antes do suicídio de Mark Fisher, todo o papo por vir moraria muito mais confortavelmente em posts num blog.

Assim, todo o esforço de composição deste trabalho foi *assombrado* pela pergunta “não é melhor largar isso tudo, arrumar um artigo qualquer e fazer um comentário desinteressante?”. Provavelmente, a resposta tenha sempre sido “sim”. O que informa a teimosia de negar largar o osso é a ideia de que fazê-lo seria trocar uma farsa aberta por uma velada, comum. E se for para esconder mal escondido, melhor escancarar.

Alguns dos trabalhos acadêmicos mais fascinantes com os quais me encontrei se propuseram a desafiar a forma acadêmica. Uns de forma mais indireta e sutil, outros com o escancaramento metalinguístico despudorado ao qual pretendo me somar. Sempre vi valor na composição que coloca a forma a serviço do conteúdo, onde o tematizado é tratado com um carinho que supera a possibilidade de performance do rigor técnico. Sempre me foi cara a ideia de, em certo sentido, fazer *justiça* a esse esforço vanguardista marginal, por mais farsesca que seja minha inclusão em qualquer rol digno de *leitura* atenta.

Bricolagem parasitária (ou introdução)

No pêndulo entre, de um lado, a ambição de fazer um grande trabalho que carregasse pelo menos a estética de implosão da forma acadêmica, sendo ainda recheado de um mínimo de coesão e robustez bibliográfica, e, do outro, o conformismo com um trabalho fácil, confortável e desapaixonado, desenvolvi uma alternativa que, pretendo, paga o pato dos dois extremos. Me inspirei no *Ontofagia - um materialismo mágico: a bruxa, a ciborgue, a vegana, o canibal, o cristo, o vírus, o zumbi, o capital, a natureza e os bichos* de Carlos Coelho e fiz uma bricolagem. Além disso, ousei me apropriar de noções derridianas e deleuzianas de forma que aborreceria qualquer especialista - num gesto de desrespeito, sobre o qual elaboro mais à frente.

Com esse gesto, pretendo *fazer justiça* às concepções de filosofia destes dois pensadores, bem como aos estilos dos demais pensadores aqui presentes. Não demonstrando compreensão exaustiva de suas categorias, mas fazendo um esforço de *herdar* sua influência enquanto *espectros*, articulando-os na capacidade de *personagens conceituais*. Mais do que me apropriar de seus conceitos a fim de criar meus próprios, como gostaria Deleuze, pretendo “quasificar” seus conceitos a fim de permitir a emergência do campo de farsa que, penso, se faz necessário à minha produção. É nesse sentido que a bricolagem é parasitária. Deforma aquilo que a nutre, achincalha o que admira.

Um último elemento - esse, aparentemente um capricho mas, ao cabo, uma necessidade - é que substituo citações e notas explicativas imediatas por um adiamento, para o final do texto, de todos os esclarecimentos da apropriação que suponho estar fazendo dos conceitos e o que compreendo de suas concepções originais, promessa análoga à que uma mãe faz quando diz que “na volta, a gente compra”. Em outras palavras, acredito - e acredito mesmo - que a forma mais eficiente de articular os conceitos que me são caros é não os explicando, mas recorrendo ao fingimento de que esse ocultamento da explicação imediata atende a um propósito maior dentro do texto. Dar nome a esse propósito também parece trair a empreitada. Diria, por fim, que, se este trabalho tem uma tese, é precisamente a de que, no mencionado fingimento, incorporo, em alguma medida, o espírito da *filosofia da diferença*.

Górgias

O primeiro esforço será a apresentação do meu principal texto de gaveta. Me foi apresentado já no primeiro semestre da graduação o filósofo antigo Górgias que, sabemos, é conhecido como um sofista por excelência, vendedor de cursos de retórica, carregando, inclusive, o epíteto “o niilista” por conta de seu esforço em reduzir até as mais aparentemente inquestionáveis certezas ao absurdo.

O nosso Górgias surge de uma *leitura* específica que sempre fiz e sempre me foi cara do *Tratado sobre o Não Ser*. Minha *leitura* consiste numa superposição do texto sobre si mesmo: acredito que a primeira tese tem de ser lida já informada por uma consequência

metatextual da última. Pode parecer trivial, mas minha ambição é que esse gesto nos apresente um campo hermenêutico quiçá inédito.

O que permite essa *leitura* é um movimento duplo de super e subvalorização do elemento do *querer dizer* - noção derridiana cuja tematização direta adiamos, como combinado. Ou seja, rejeitamos a intencionalidade do autor como ferramenta interpretativa por um lado, mas, por outro, a tomamos como *fundamental*. Esse gesto se esclarecerá durante a análise da *leitura*, que segue.

O texto tem basicamente a seguinte estrutura argumentativa.

1. Nada é.
2. Se algo fosse, seria inexperienciável
3. Se algo fosse experienciável, seria incognoscível
4. Se algo fosse cognoscível, seria incomunicável

Despreocupado, a princípio, com a legítima polêmica sobre que *leitura* se aproxima mais das prováveis intenções do Górgias histórico ou de quais têm sido as mais influentes e bem sustentadas ao longo da história e por quê, apresento três *leituras* que considero relativamente intuitivas para, então, desembocar na minha, que incorpora elementos de todas as outras.

- a) A primeira *leitura* é a mais, por assim dizer, direta. Entende que Górgias *quer dizer* todas as teses, incluindo a primeira. Essa é a *leitura* que justifica o epíteto de niilista e a que entende as subseqüentes teses como chutação de cachorro parmenidiano morto, uma ostentação gratuita da proficiência retórica.
- b) A segunda *leitura* se pergunta o porquê de teses mais gerais seguirem teses mais específicas e conclui que as primeiras, sabidamente falaciosas, são pouco mais do que escada retórica para a última, essa sim genuína. Ou seja, Górgias *quer dizer* 4, e 1, 2, 3 não escondem ser mero artifício. Assim, o texto nega a possibilidade de comunicação humana efetiva mas nem nega nem afirma as possibilidades de contato cognitivo ou de experiência e, muito menos, da existência de qualquer coisa que seja. Aqui, observemos, já há a presença do elemento da releitura: não se pode questionar a estrutura argumentativa do texto sem antes chegar no final. É essa influência que a estrutura tem na interpretação que chamo de “metatextual”.
- c) A terceira *leitura* rejeita, a princípio, a ferramenta hermenêutica do *querer dizer*, e se apoia em elementos extratextuais para sustentar a interpretação de que inclusive a 4 é mero artifício. Aqui, o propósito da redação de um texto que nega, seja a realidade ela mesma, seja a possibilidade de comunicação eficiente, é satirizar o poema de Parmênides, que recorre a imagens mitológicas para referenciar e reverenciar o belo e verdadeiro. Dessa forma, o *querer dizer* estaria também em elementos extratextuais e o mais ambicioso que poderíamos aferir é

algo próximo de que o texto, como um todo, incorpora a crítica à crença em - e busca por - uma verdade absoluta, o que aproximaria Górgias de um relativismo grosso modo atribuído a um Protágoras, por exemplo.

- d) A quarta *leitura* é a que pretendo apresentar. Ela é uma *leitura* dupla. Num primeiro momento, reconhecendo a ingenuidade de “a”, mas insatisfeitos com a redução engendrada por “c”, estamos com “b”: a tese mais genuína é a última; Górgias *quer*, de fato, *dizer* que o que quer que seja cognoscível é incomunicável. Num segundo momento, revisitamos as teses incorporando o veredito sobre a impossibilidade de comunicação humana efetiva ao nosso olhar sobre o texto, perguntando o que *quer dizer* com “nada é” alguém que *quer dizer* que “nada é comunicável”? Nossa resposta é que 4 nos impele a ler 1, 2 e 3 negativamente, como segue.

1'. $\neg(1)$ - Algo é

2'. $\neg(2)$ - Algo do que é, é experienciável

3'. $\neg(3)$ - Algo do que é experienciável, é cognoscível

Górgias seria, assim, um parmenidiano em última instância, no que se refere às teses e, mais *fundamentalmente* à ambição por dizer o indizível. A diferença sendo a recorrência, para este fim, não à imagética mitológica, mas à metalinguagem da contradição performativa. Por fim, fica evidente a contradição entre 4 e 4', ou seja, a pergunta se algo do que é cognoscível é ou não comunicável contrasta a conclusão necessária da *leitura* com o seu pressuposto. Deixo com o leitor a tarefa de determinar o que isso *quer dizer*.

O fato de o *Tratado* ser um texto ao qual não temos acesso se não por duas referências, de Sexto Empírico e do anônimo autor de “MXG”, traz mais um elemento que complica a discussão entre *leitura* e *querer dizer*. Mas aqui o (ab)uso do vocabulário *quase-conceitual* derridiano carece da noção de *orfandade*, forçando a barra para uma tematização mais direta, que seguirá em breve.

Minha ideia com a apresentação desta *leitura* não é defender a sua correção em relação às outras três ou infinitas mais que se fazem possíveis. Mas sim, apresentar essa estratégia interpretativa que consiste em tomar as conclusões de um texto como manual de *leitura* de si próprio, rejeitando elementos extratextuais enquanto são superados os limites de uma perspectiva mais literalista. A articulação, assumidamente arbitrária, da psicologização do texto, talvez hermeneuticamente indefensável, permite o desvelamento de uma economia gestual, que transcende o plano argumentativo e oferece-nos uma gramática *diferente* para pensar o que um texto *quer dizer*. Tal campo talvez seja ainda carente (ou não!) de uma sistematização.

Derrida

Essa *leitura* de Górgias pairou pela minha cabeça e ficou esboçada no Google Docs durante anos. Na primeira vez que mencionei ela para o orientador do presente trabalho, Hilan, seu questionamento foi o seguinte: “não entendo o que faz da segunda *leitura* uma *leitura* mágica; por que não três, quatro, cento e vinte e cinco?”. A resposta intuitiva é que antes do fim da primeira *leitura* ainda não se tem acesso a 100% do texto, e portanto, a segunda é a primeira releitura, e só releituras podem ser informadas por elementos metatextuais não extratextuais. Para essa posição, a resposta foi um “smurk”, ou, como diria a sua persona de Whatsapp, “😏”. Disso seguiu-se uma provocação que transformou minha perspectiva sobre filosofia em geral.

Explicou que existem posturas em relação à *leitura* que diferem da hermenêutica tradicional, preocupada em aferir uma suposta verdade essencial no texto, a partir de uma interpretação dita objetivamente correta. Derrida, por exemplo, pretende, com a sua tematização, *fazer justiça* aos textos que articula.

Dessa forma, pode-se dizer que o gesto de busca por um recurso metatextual de justificação, *fundamentação*, legitimação da minha *leitura* ainda está presa numa perspectiva de preocupação com uma verdade objetiva, o que, pode-se argumentar, é contraditório com o espírito iconoclasta que a própria *leitura* atribui a Górgias. A minha ideia é, no fim das contas, que esse tipo de esforço opere como uma positivação tática a fim de produzir imagens que implodam interpretações psicologizantes que se avergonham diante de tensões paradoxais. Isso sem, ainda, cair num “tudo vale”. O que explica a *leitura* é o interesse que ela produz. A pergunta importante é, no popular, “qual a graça?”.

Nessa toada, penso que o esforço identificado, em Parmênides e Górgias, por dizer o indizível, pode, a partir de uma extrapolação razoável da *filosofia da diferença*, ser compreendido em termos do exercício de *leituras suplementares*. À medida que, como quer Derrida, emancipamos a sintática da semântica e expandimos o conceito de texto, penso que o tipo de tática que pretendo estar apresentando aqui pode se fazer frutífera de diversas formas, sem que tenhamos que tomá-la como elemento estratégico.

Com isso, suponho argumentar em favor da ideia de que a busca por elementos metatextuais configura um gesto que desafia limites hermenêuticos, sem se comprometer com, por exemplo, a desconstrução derridiana, a qual está envolvida numa dinâmica complexa que vai da sua relação com a literatura à política, sendo questionavelmente categorizada como método, etc. São polêmicas que pretendo passar ao largo.

Depois do “😏”, ficou por isso. Tentei ler umas páginas de Derrida e achei incompreensível. Mas a ideia de que uma compreensão correta não é o único horizonte possível de relação com um texto contaminou todos os que li desde então. Eventualmente cursei, com o Hilan, uma matéria com *Farmácia de Platão* na ementa, depois uma com *Espectros de Marx* e agora, no último semestre, como observador, duas matérias quase

exclusivamente derridianas. Assim, não foi só a noção de *justiça* que poluiu meus vocabulário e imaginação. Depois de ficarmos um semestre inteiro às voltas com o calhamaço de 4 volumes do Fabián Ludueña, *A Comunidade dos Espectros*, é impossível não estar assombrado pelo acosso derridiano.

Parte do que motiva a opção por um trabalho pouco simples e direto é a dificuldade de tematizar qualquer coisa na ausência de vocabulário de Derrida ou na sua *presença plena*, citando e analisando suas passagens. Por isso, busco *fazer justiça* tomando-o como *espectro*, *herdando* uma certa postura com a qual me identifico, mesmo sem saber explicar o que é *desconstrução* - mas, quem sabe, a fazendo.

Outro impasse para discutir Derrida mais diretamente é o aborrecimento com algumas ambivalências, como a forma que ele parece estar sempre, e de forma pouco clara, simultaneamente com e contra todo mundo que comenta; a forma como desrespeita alguns princípios que positiva; e a tendência de apresentar a história da filosofia que o antecede num mesmo balaio, do qual a possibilidade de se estar fora depende exclusivamente de gestos por ele feitos. A fim de explicitar melhor esta última característica inserimos outro personagem, Heidegger.

Heidegger

A relação entre a narrativa histórico-filosófica que um autor positiva (explicitamente ou não) e a maneira que ele pensa situar-se em relação a ela é outra preocupação minha de anos. Nunca vi algum pensador discutindo essa angustia tão diretamente como desejava. Mas cursando Política no semestre 2017/2 li alguns parágrafos soltos de *Ser e Tempo*, e Martin Heidegger pareceu poder ser esse cara. Minha primeira matéria com o Hilan foi Metafísica no 2018/2, onde estávamos às voltas com a encantadora ideia de que o “dispositivo dispõe à disponibilidade”, tradução livre da frase que abre a terceira das Conferências de Bremen, *O Perigo*, “Das Ge-Stell bestellt den Bestand”.

Assim, o vocabulário da questão da técnica - sobre o qual eu não acertaria uma questão de múltipla escolha numa prova de concurso - ofereceu uma imagem, um sentido para diagnósticos sobre o capitalismo, como o marxiano de que “tudo que é sólido desmancha no ar” ou o deleuziano de que “o capitalismo é o pesadelo de toda relação social”. Uma imagem de extração de vigor, de parasitagem, objetificação, mercadologização das coisas. O perfume é a disponibilização do aroma da flor de *Portulaca grandiflora*, popularmente, onze-horas, para que esteja à mão, como um martelo, a qualquer hora. A extração permite que o desejo pelo cheiro não precise interromper o horário de almoço.

O soerguimento do edifício filosófico que nos oferece a vista para essa imagem, todavia depende de um diagnóstico histórico-filosófico. Vulgarmente, a estória que Heidegger conta da “história da metafísica” é que esta é orientada pelo “esquecimento do ser”. Propõe, então, uma suposta pós-fenomenologia em “busca do sentido do ser”, a ontologia *fundamental*. Estando

essa empreitada fora da história da metafísica, ela também se configura como o horizonte de superação do niilismo diagnosticado na sentença de Nietzsche “Deus está morto e nós o matamos”. Isso tudo produz um vocabulário assumidamente bastante interessante, útil e frutífero, cheio de palavras alemãs com letra maiúscula e hífen a torto e a direito, mas com isso se tem, também, buracos muito claros como o constante arruêdo da questão de que só as pessoas *existem*, e, portanto, toda essa parafernália ontológica está a serviço, no limite, de uma antropologia de um humano europeu, demasiado europeu.

O elemento que mais nos interessa aqui é esse gesto de se colocar em relação a uma história da filosofia, sintetizada num “ismo” qualquer. Assim, toda tematização pró x-ismo se apresenta como um brilhante esclarecimento do que tem sido todo o pensamento ocidental até aqui, e toda contraposição se supõe uma inédita apresentação de todos os caminhos alternativos por vir. Último ingrediente da receita é ser arbitrariamente taxativo com os x-istas: todo mundo que não si próprio. Isso pode ir das acusações de degeneração às de fascismo.

Heidegger, assim, inaugura uma forma de se fazer filosofia que coloca a autenticidade de qualquer filosofia que se possa propor a serviço de um diagnóstico histórico-filosófico. O nome do jogo, assim, se torna: ou a sua filosofia se apresenta em posição de vassalagem a uma tendência nefasta da filosofia do passado ou ela precisa se apresentar como única e exclusiva alternativa a tudo isso que a filosofia vem sendo, numa espécie de absolutização de uma dinâmica parricidal; um prolegômeno oculto de toda filosofia por vir; o niilismo como método.

A pergunta que fica é: há alternativas? Para responder, talvez possamos recorrer a um aliado importante da presente produção, o estilo. E aqui entram em cena meus personagens favoritos. Valentim e Leo fazem uma *leitura* de Heidegger que, mais que superá-lo, o humilha. *Herdam* sua filosofia para traí-la em favor de algo mais interessante, num olhar *suplementar* que não diz “não” como quer a Crítica moderna, diz “sim, mas”.

Valentim

Nosso colega Leonardo Barbosa está concluindo a graduação simultaneamente à presente redação, com um trabalho centrado no livro *Extramundandade e Sobrenatureza* de Marco Antônio Valentim. Este é um texto que parte de um vocabulário heideggeriano, atravessa a etnografia ameríndia com Viveiros de Castro e Lévi-Strauss, para desembocar na cosmologia yanomami de Davi Kopenawa. O Leo, como o Marco, é um heideggeriano desiludido: versado na terminologia do nazista, mas preocupado em encontrar caminhos de saída do projeto filosófico da ontologia *fundamental*. A citação que abre o trabalho do Leo é da página mágica 256, onde Valentim escreve que “a floresta responde efetivamente a outrem, mesmo que seja para sucumbir à sua apropriação fundamental pelo Ser. *Uruhi* a resiste assim à “fundamentação” – seja Ereignis ou Gestell –, pois tem seus próprios “por-quês””.

Cursamos juntos, com o professor Hilan, a matéria que nos introduziu ao livro. E fui eu quem inicialmente chamou atenção para a passagem citada, mas o que fez com que eu me interessasse por ela foi algo diferente do que a coloca no início do trabalho do Leo. A polêmica gira em torno da forma como o autor acaba por identificar “*fundamentação*” a “Ereignis”. Ereignis, no sistema do Heidegger, é uma noção que se aproxima mais de uma imagem de abismo. Numa interpretação menos problemática, ela não só é diferente de uma “*fundamentação*”, mas se aponta em direção completamente contrária. A minha *leitura* (talvez tão arbitrária quanto a que faço de Górgias) é que o aparentemente despretensioso aposto “– seja Ereignis ou Gestell –” sintetiza o gesto mais importante do livro como um todo: a colocação da ontologia *fundamental* contra si mesma em favor da cosmologia infundamental de *Uruhi a*. Em certo sentido, as aspas e travessões de Valentim dizem mais do que qualquer proposição poderia. Para ilustrar esse ponto, imaginemos que Marco dissesse algo como “vejam só como eu venho articulando a centenas de páginas as categorias ontológicas de Heidegger e agora consigo falar da Floresta Amazônica de forma contraditória em relação ao projeto filosófico dele”. Eu diria que a sutileza do gesto se perde com o desvelamento da estratégia retórica. Esse ponto me parece defensável mas relativamente inconsequente.

Daqui em diante é onde minha crítica literária roda completamente em falso - mas eu não consigo ler a 256 de outra forma. O que faz a cadência do texto do Valentim tão envolvente, mesmo se não temos um arcabouço robusto nos temas seja de *Ser e Tempo*, de *Metafísicas Canibais* ou de *A Queda do Céu*, é o *motif* metafilosófico que se estabelece entre a crítica paulatinamente construída, desde dentro, contra a ontologia *fundamental* e a forma como essa construção se dá. Ou seja, pretendo argumentar que sim, o domínio dos conceitos e o tensionamento dos problemas em Heidegger têm sua funcionalidade no projeto do Valentim. Mas a implicação de que “Ereignis” possa ser entendida como pouco mais do que uma concepção de “*fundamentação*” é um gesto que opera em outra dimensão. Esse gesto reduz a complexidade da ontologia *fundamental* de forma quase vulgarizante. Se transformamos ela numa proposição, como “Ereignis, ou seja, *fundamentação*”, temos pouco mais do que um equívoco. A indireção a qual Marco recorre apunhala Heidegger com a mesma implacabilidade sem vulnerabilizar sua empreitada aos contra argumentos.

Complexificando esse solipsista devaneio, observemos que isso não se dá num momento aleatório da exposição. A candente passagem de que *Uruhi a* tem seus próprios porquês situa a banalização da ontologia heideggeriana de frente à potência da cosmologia yanomami. Em certo sentido, assim, compondo um jogo meta-argumentativo que esfrega o resto de sujeira *fundamental* depois de deixá-la 256 páginas de molho. Apesar disso nunca ser argumentado no livro, a partir do estilo de Valentim coloca a busca pelo sentido do ser numa posição na qual se mostra um esforço inútil, quando não nefasto. Isso por conta não de uma outra revelação ainda mais *fundamental*, mas sim, por sua pequenez em relação à cosmologia yanomami que é de ordem espiritual, enquanto espectrológica, onírica, cosmopolítica. Meu ponto é, ao cabo, que isso não poderia ser dito, apenas mostrado.

O trabalho do Leo articula as temáticas do *Extramundandade e Sobrenatureza* estabelecendo conexões de início pouco centrais como com a antropofagia de Oswald de Andrade; desenvolvendo alguns temas, como a potência do sonho; e tensionando algumas questões abertas, como a relação com o projeto filosófico do *Indexicalism* do Hilan. Mas, para mim, o mais gostoso de perceber é como ele *herda* quase que por transmissão vertical o tal *motif* - que provavelmente só existe na minha cabeça. O Leo constrói a condição de possibilidade para a inserção de citações como “a gramática é que ensina a conjugar o verbo ser e a metafísica nasce daí, de uma profunda conjugação desse verbinho” (Oswald apud Nodari apud Barbosa, 2022). E essa condição é construída de maneira análoga à do Valentim: partindo de uma sólida e pouco contenciosa apresentação da questão do Ser, como em “o conceito de Ser está imediatamente referido na história da filosofia como o ser de um ente; e há uma substantivação do verbo [...] O deparar-se com as presenças no mundo fez o humano, segundo Heidegger, substantivar o ser dos entes”. Essa justaposição ganha força se levamos em consideração a forma como a inserção de diferentes elementos vai minando as bases (ou a *fundação*, se quisermos ser mais debochados) do edifício filosófico heideggeriano, na medida que o vocabulário evidentemente dominado vai se tornando insuficiente para tratar das visões de mundo que entram em cena.

Faz-se, assim, desnecessário um argumento banal - apesar de verdadeiro e acachapante - como “Heidegger é, no fim das contas, um antropólogo ruim cheio de firula e o antropocentrismo dele serve a um projeto cosmopolítico colonizador, racista, blablabla”. Isso seria transformar uma noite de jantar - com convidados que se toleram por respeito à forma acadêmica e o rigor teórico - numa guerra de comida. Inversamente e de forma mais sofisticada, a porta de saída da ontologia *fundamental* é encontrada através da marginalização do papel de Heidegger no debate. O alemão não é expulso, mas se retira da mesa em desconforto à medida que convidados mais benquistos vão se sentando.

Podemos chamar isso de uma estratégia retórica de desrespeito, que opera num espaço argumentativo metatextual parecido com aquele da *leitura d*, na medida que recorre ao estilo para ficar entre uma Crítica direta, desvelada, argumentosa e uma ode que se contenta em apresentar os potenciais problemas e as perspectivas disponíveis de saída. A recorrência a isso não se dá por covardia de se comprometer a uma destas duas posições tradicionais. Muito pelo contrário. Se dá pela coragem de dar voz a um *querer dizer* metatextual que não cabe dentro dos argumentos. Estes, assim, se configuram como só mais uma etapa da poética articulada.

A indelicadeza, a falta de etiqueta conceitual pode, por vezes, ser mais contudente que qualquer refutação ou taxação extratextual, por mais bem *fundamentada* que seja. Forçando um pouco a brincadeira quasificante, podemos dizer que essa economia gestual inaugurada no apelo para uma apropriação inadequada dos conceitos configura a dimensão metatextual da infundamentalidade atribuída à cosmologia de *Uruhi a*. Em certo sentido, poderíamos, como fazemos com Górgias, defender a impossibilidade de se ler o texto sem antes nos informarmos sobre incumbências que ele mesmo explicita acerca de sua intencionada *leitura*.

Por fim, é importante notar que, não só o jantar, mas também a guerra de comida tem sua etiqueta de mesa. Talvez tudo que eu *queira dizer*, no fim das contas, é que penso ter encontrado, nos parênteses, aspas e hífen de Valentim, um pedaço da gramática da guerra de comida que se ensaia entre os personagens Davi e Martin durante seu livro, apesar da tensa noite terminar com todas as flechas e xingamentos em suas respectivas aljavas.

Parênteses metafórico

Além da mesa de jantar, outra metáfora conveniente para ilustrar essa marginalidade retórica que tenho tentado explicitar e, quiçá, reproduzir, é a de etiquetas esportivas. Pensando as regras como análogas aos argumentos, podemos pensar a etiqueta como esse campo metatextual. E a economia gestual sobre a qual pretendi, até aqui, lançar luz tem ressonância analógica especial num tipo de jogador de um esporte específico.

O hockey no gelo tem um conjunto de regras informais muito importante acerca da agressão. Popularmente chamado de “The Code”, trata-se de uma etiqueta de “sportsmanship” necessária pela natureza inexoravelmente violenta do jogo. Por conta da combinação da delicadeza da patinação no gelo e a brutalidade das disputas pelo “puck”, as entradas maldosas e as acidentais não são tão facilmente discerníveis quanto num esporte como o futebol, onde a penalização das faltas com base na combinação do seu caráter tático e desnecessariamente agressivo é bastante satisfatória. Assim, os jogadores, a qualquer momento, podem tirar as luvas e o capacete, sinalizando a intenção de trocar socos até que um vá ao chão. A atitude é punida com um “timeout”, mas que afeta os jogadores dos dois times, o que no final das contas mantém a partida relativamente equilibrada. Não está escrito no regulamento de nenhuma liga que essa dinâmica é desejável ou deve ser permitida, mas a regra oficial limita a capacidade de penalização por parte juiz, de forma permissiva à perpetuação dessa espécie de acordo de cavalheiros.

O mais interessante é como essa dinâmica cria um espaço de exploração tática do jogo por parte de jogadores chamados “pests”. Estes são infâmes jogadores, tipicamente medíocres técnica e fisicamente, mas eficientes em operar à margem da regra, instigando jogadores mais virtuosos - habilidosos, fortes e honrados da perspectiva do “Code” - a serem penalizados. Assim, enquanto um time perde um jogador abaixo da média, o outro perde um de seus mais importantes.

A filosofia é parecida. Um bom jeito de começar um péssimo trabalho ou aula de filosofia é partir da sua definição ou da pergunta sobre sua função, utilidade, limites, etc. Parece que nos vemos encorajados a deixar a tradição tomar conta desses problemas de forma mais ou menos intuitiva para que possamos derivar sentido do estudo e do exercício da filosofia só quando já estamos chafurdados nela. Em outras palavras, balizamos o que pode ser considerado filosófico com a mão leve de um juiz de hockey. E aqui, é claro, o leitor pode

fazer de gato e sapato a metáfora, entendendo o gol e a conquista do campeonato como análogos a qualquer coisa desde escrever um argumento coeso até ter um Lattes robusto.

Tenho pensado o estilo deste trabalho como análogo às artimanhas de um jogador “pest”, pouco virtuoso, mas pretensamente eficiente em colocar em questão as regras do jogo, testando seus limites, se mantendo discutivelmente aprovável enquanto Trabalho de Conclusão de Curso, sustentado-se no institucionalmente frágil argumento de que o que qualifica um texto como filosófico não pode ser a robustez de referências bibliográficas ou a coesão argumentativa. Espero que tenha sido interessante o suficiente para quem se deu ao trabalho de ler.

Glossário Quase-Conceitual

<i>quase-conceito</i>	<i>leitura</i>	<i>escritura</i>	<i>suplemento</i>	<i>justiça</i>
<i>herança</i>	<i>orfandade</i>	<i>personagem conceitual</i>	<i>diferença</i>	<i>fundamento</i>

Inconclusão

Começo a redação desta inconclusão a menos de 12 horas da defesa do texto. Pretendo que seja um ponderamento da graça, no limite, deste mês de trabalho. Para tanto, peço licença para recorrer à escrita mais livre e pessoal que deu origem ao primeiro esboço. O objetivo é que passemos na frente da vitrine onde estava o brinquedo que te prometi, no último parágrafo da introdução, comprar na volta. Para quem esqueceu da metáfora, ela se refere a explicar os termos surrupiados dos filósofos do trajeto. Passemos devagar porque ainda não decidi se vou comprar. É um brinquedo caro e eu acho que a lição sobre o preço dos brinquedos metafóricos pode ser mais valiosa do que a satisfação de me ver falando sobre os conceitos desqualificados.

Um aparente pressuposto para a análise de um texto avaliativo como esse é a ideia de que o domínio técnico é condição de possibilidade para uma tematização adequada. O lastro bibliográfico é a medida objetiva de que há compreensão dos conceitos articulados, que a apropriação não desvirtua a terminologia. Sendo assim, não tem sentido tentar tratar daquilo que não se compreende ou cuja compreensão não se pode explicitar.

Durante a graduação, eu sempre disse que a única coisa pior que um filósofo que você entende é um com quem você concorda. Talvez isso seja uma embreaguez com a crítica moderna, talvez esse tempo todo o Clóvis de Barros Filho estivesse certo e o que me falta para sentar a bunda na cadeira e ler alguma coisa até entender seja o tal do brio.

Mas talvez eu tenha mesmo descoberto alguma coisa com esse último trabalho final de matéria, miguelento e carente de um mínimo de pesquisa. Quem sabe ele possa ser lido como um manifesto pela possibilidade de tematizar o incompreendido; quem sabe abrir mão da possibilidade de dizer o indizível é abrir mão da filosofia; quem sabe a subjugação ao controle do academicismo fez a filosofia se perder da sua essên- (entra o Wagner tocando baixinho de fundo).

Não. Esse não é um trabalho brilhante e revolucionário. E ele não teria nada a perder com citações que ajudassem o leitor a lê-lo com o desrespeito que ele mesmo prega. Eu poderia e deveria ter explorado os apontamentos feitos aqui até suas últimas consequências e notas de rodapé, quando bem usadas, são um ótimo recurso. Se esse texto é interessante e divertido, ótimo. Se ele fosse mais bem fundamentado e compreensível seria objetivamente melhor. Ponto.

Dito isso, tem um gênero literário importantíssimo à experiência acadêmica que é muito negligenciado: a conversa de corredor na saída da aula. E eu acho que a teimosa informalidade com a qual me comprometi serve no mínimo de reverência a estes importantes textos. Não só porque a falta de zelo com a formatação tem alguma coisa a ver com o tom de uma conversa fiada amistosa, mas também porque um elemento persistentemente presente nessas conversinhas é a brincadeira com a apropriação inadequada dos termos filosóficos estudados. Depois de duas horas quebrando cabeça para dar sentido ao palavreado de um bando de gente morta que muitas vezes morreu sem resolver problema nenhum na vida de ninguém, sempre tem um trocadilho com um conceito repetido ad nauseam, cujo humor reside na vulgarização dessa parafernália toda.

Minha ideia era arrematar este texto atribuindo essa tal apropriação inadequada ao Deleuze, porque umas duas semanas atrás assisti o Roberto Machado - que descanse em paz - explicando, numa palestra feita na Universidade Federal do Acre, disponível no Youtube, dizendo que Deleuze admitia fazer isso: usar o nome dos outros, Bergson, Foucault, Nietzsche, para falar do seu próprio. Enquanto caçava no livro do Roberto uma frase que justificasse o que eu já vinha fazendo só porque o Deleuze também dizia fazer, percebi a tragédia do equívoco. Minha estratégia retórica não é inspirada em Deleuze. O que eu li do cara, não entendi. É inspirada nos papos de corredor, nas artimanhas inventadas para escrever sobre o que não li e arrancar um MM de um professor avaliativamente mais austero. Então que assim seja até o final.

Portanto, não. Não é hoje que a gente leva o brinquedo para casa. Eu não sei explicar o significado das palavras do Glossário acima. Eu não li eles em lugar nenhum. Alguém disse, eu achei interessante, pensei usando elas e escrevi do jeito que pensei. É isso. Eu entendo a importância da universidade e seus atores desestimularem essa prática. Cursar filosofia sem ter gosto por ler e escrever sobre é meio idiota. Mas eu já cursei e foi assim. Não vou fingir que foi de outra forma.

Referência Bibliográfica

DINUCCI, A L. *Análise das Três Teses do Tratado do Não-Ser de Górgias de Leontinos*. O que nos faz pensar nº24, 2008.

DERRIDA, J. *Farmácia de Platão*. Editora Iluminuras Ltda, 2005.

DERRIDA, J. *Espectros de Marx*. Relume-Dumará, 1994.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Editora Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M. *Caminhos da Floresta*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

VALENTIM, M A. *Extramundandade e Sobrenatureza*. Editora Cultura e Barbárie, 2018.

BARBOSA, L. Universidade de Brasília *Da vida ao sonho: percursos sobre geofilosofia(S)*. Universidade de Brasília, 2022.

COELHO, C. *Ontofagia - um materialismo mágico: a bruxa, a ciborgue, a vegana, o canibal, o cristo, o vírus, o zumbi, o capital, a natureza e os bichos*. Ape'Ku, 2020.

BENSUSAN, H. *Indexicalism*. Edinburgh University Press, 2021.

LUDUEÑA, F. *Comunidade dos Espectros*. Cultura e Barbárie, 2018.